

Bresser faz defesa do desconto

O ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, afirmou ontem no Rio, para uma platéia constituída em grande parte por executivos financeiros internacionais, que é preciso mudar completamente o enfoque sobre a dívida externa nas negociações e admitir que é impossível resolver a questão sem que o desconto apontado pelo mercado se transforme em realidade.

— O mercado financeiro internacional já reconheceu o fracasso das tentativas de encarar a dívida como um problema conjuntural dos países devedores, ao estabelecer grande desconto sobre a dívida e ao desvalorizar as ações dos bancos credores — disse.

O endividamento do Brasil, assim como de vários outros países, superou de muito os índices aceitáveis, disse Bresser Pereira, e em consequência a dívida tornou-se parcialmente incobrável. “O simples pagamento do total dos juros da dívida ficou inviável”, lembrou o ministro. Pouco antes de embarcar para Viena, Bresser Pereira fez um pronunciamento para os participantes da 12ª Conferência Internacional de Comissões de Valores, incluindo uma posição sobre a dívida externa.

Trem da história — A política de abertura comercial e financeira, tão demandada internamente e externamente, segundo Bresser Pereira, deve ser desenhada sob o espelho de uma renegociação mais equilibrada da dívida externa brasileira. O processo de globalização que alcança hoje o mercado de capitais é de enorme importância para o país, reconheceu Bresser. “Dele não nos devemos abstrair sob o risco de perdermos o trem da história.”

— Conscientes desse fato, já tomamos algumas iniciativas nesse sentido, como a constituição do *Brazil Fund*, que é um mecanismo de captação de recursos novos no exterior para aplicações em bolsas de valores, através de fundos de investimentos administrados no exterior — anunciou.

A alternativa de capitalização via mercado acionário em escala mundial surge, na opinião do ministro Bresser, como resposta inteligente à crise financeira atual.

Esse processo de internacionalização parece ser especialmente proveitoso para as nações emergentes que, apesar de constituírem um bom risco para o investidor, defrontam-se com dificuldades na captação de poupança externa.

☐ **VIENA** — “Precisamos acabar com essa tolice da moratória brasileira.” A frase, do vice-presidente do First Interstate Bank, Souis Schirano, dá idéia do clima que o ministro da Fazenda, Bresser Pereira, se arrisca a encontrar hoje em Viena, quando participará do US Congressional Summit on Trade and Debt, uma conferência organizada por parlamentares americanos para discutir a dívida e o comércio internacional. Schirano disse na sessão de ontem da conferência que tem muita simpatia com os países endividados e seus problemas, mas ressaltou que esta simpatia não se estende ao Brasil, “porque esse país toma medidas unilaterais ditadas por considerações políticas internas, criadas dentro do próprio Brasil”.